



## Uma Memória da Revista *Práxis*

Lincoln Secco<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo narra a trajetória da revista *Práxis*, fundada em 1994 como expressão de um marxismo militante em meio à crise da esquerda pós-Guerra Fria. Surgida no contexto de refluxo das mobilizações populares e da ascensão do PT à institucionalidade, a *Práxis* destacou-se por sua autonomia em relação a correntes partidárias e pela pluralidade teórica que abrigava, reunindo intelectuais como Ronald Rocha, Jacob Gorender e Florestan Fernandes. O texto combina memória pessoal com análise de conjuntura, retratando os desafios organizativos enfrentados por uma revista teórica feita por militantes sem grandes recursos, mas com sólida formação crítica. O autor enfatiza o papel da revista na resistência à ofensiva liberal, valorizando sua base coletiva, sua capacidade de diálogo e seu compromisso com um marxismo renovado. Seu encerramento, na segunda metade dos anos 1990, refletiu divisões políticas internas e mudanças no campo da esquerda, mas sua experiência segue como referência de militância intelectual.

### Palavras-chave

Marxismo, Revista *Práxis*, Esquerda brasileira, Anos 1990, Militância intelectual.

### Abstract

The article recounts the history of *Práxis* magazine, founded in 1994 as an expression of militant Marxism amid the post-Cold War crisis of the Left. Emerging during a period of weakened grassroots mobilization and the institutional rise of the Brazilian Workers' Party (PT), *Práxis* distinguished itself through its independence from specific political factions and its theoretical pluralism, gathering intellectuals such as Ronald Rocha, Jacob Gorender, and Florestan Fernandes. Blending personal recollections with political analysis, the text portrays the organizational challenges faced by a theoretical journal sustained by activists with limited resources but a strong critical foundation. The author highlights the magazine's role in resisting the liberal offensive, valuing its collective structure, capacity for dialogue, and commitment to a renewed Marxist perspective. Its discontinuation in the late 1990s reflected internal political divergences and broader shifts within the Brazilian left, but the *Práxis* experience remains a benchmark in intellectual militancy.

### Keywords

Marxism, *Práxis* magazine, Brazilian Left, 1990s, Intellectual militancy.

---

<sup>1</sup> Lincoln Secco é professor Livre Docente (História Contemporânea) na FFLCH-USP. Publicou, individualmente, entre outros livros, *A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português* (Alameda; Fapesp; Cátedra Jaime Cortesão, 2004), *A Revolução dos Cravos: Economias, Espaços e Tomadas de Consciência (1961-1974)* (Ateliê Editorial, 2024), *A Batalha dos Livros* (Ateliê Editorial, 2017) e *História do PT* (6ª ed., Ateliê Editorial, 2023; 1ª ed., Ateliê Editorial, 2011). Coordena o GMarx-USP, grupo de estudos ligado ao Laboratório de Economia Política e História Econômica.

A revista *Práxis* foi a resultante de diversos vetores que marcaram a nova conjuntura da Esquerda na década de 1990<sup>2</sup>.

O aspecto internacional mais relevante foi, sem dúvida, a queda do Muro de Berlim. Os eventos de 1989 fizeram com que o fim do chamado campo socialista fosse o preâmbulo e não a consequência da derrocada da União Soviética, a qual se daria em 1991. A crise se iniciou no “elo mais fraco”, embora a razão estivesse na política de Gorbatchev, o qual abandonou as burocracias dominantes do Leste europeu à própria sorte.

Internamente, o Brasil saía da Década Perdida, iniciada com uma enorme recessão e com a crise da dívida, e que se fechava com nova crise. Tanto em 1981 quanto em 1992 (quando a década acabou do ponto de vista político com o *impeachment* de Collor) houve forte variação negativa do PIB.

Após o interregno do governo de Itamar Franco, a vitória de FHC em 1994, a implementação do Plano Real e as megaprivatizações que modificaram a estrutura patrimonial do capitalismo no Brasil, assistíamos a um paradoxo. Nos anos 1980, apesar da crise econômica, as lutas populares foram vibrantes e nos levaram à formação do PT, da CUT, do MST, à legalização dos partidos comunistas, à Assembleia Constituinte e à Frente Brasil Popular em 1989. Na década seguinte, a Esquerda aumentou seu peso institucional, conquistando prefeituras, governos estaduais, postos nas câmaras municipais, assembleias legislativas, Câmara dos Deputados e Senado. Mas e no campo popular?

Ali, as dificuldades eram imensas: assassinatos de lideranças populares, repressão de greves e perseguição policial até contra simples panfletagens. O esvaziamento das ruas e comícios se fazia acompanhar pelo declínio da teologia da libertação, das categorias sindicais de funcionários públicos, bancários e metalúrgicos; das terceirizações e automação de processos produtivos.

---

<sup>2</sup> Este testemunho é puramente pessoal, ainda que eu tenha consultado alguns companheiros e companheiras. Por ser unilateral, a abordagem maximiza o papel de uma ou mais pessoas; de um núcleo; e das relações estabelecidas na cidade de São Paulo. No entanto, essa distorção pode ser corrigida com outros relatos.

## Marxismo

A crise da Esquerda não podia deixar de ser também do marxismo.

O marxismo no Brasil tinha, ao lado do livro, a forma da revista como um veículo da propagação teórica. O jornal era resguardado para a interpretação da conjuntura diária ou semanal e para a agitação política.

Nos anos 1980, a revista *Teoria e Política* era um espaço de debate de comunistas em passagem dos tradicionais PCs para novas formas de luta, particularmente a das tendências petistas. Ela congregava Aldo Fornazieri, o químico Otto Alcides Olweiler, Adelmo Genro Filho, Ronald Rocha e muitos outros dirigentes marxistas. Ela deixou de ser editada após o fim do Partido Revolucionário Comunista, de onde provinham vários de seus colaboradores. Seguiu-se *Arma da Crítica*, que foi uma revista efêmera da Tendência Marxista do PT. Teve dois números, se não me engano.

A *Práxis* surgiu em 1994 assinalando rupturas e continuidades. Estas se encontravam na organização em sócios e coletivos regionais e na estrutura de uma tendência que garantia capilaridade, embora a revista não fosse porta-voz de nenhuma corrente política. Também o formato e paratextos remetiam à *Teoria e Política*.

Mas havia rupturas, a começar pela conjuntura. *Práxis* emergia na crise do marxismo. As armas da reação não eram erguidas contra nós apenas pelos inimigos, mas por vastos segmentos da própria Esquerda. No PT, agremiação que monopolizava a maior parte dos debates, isso era patente nos encontros e na revista teórica do partido, a *Teoria e Debate*. Os termos iam de “atualização”, “*aggiornamento*”, “nova isto, nova aquilo”, a “abandono” da perspectiva revolucionária... O I congresso do partido teve como símbolo uma borboleta para sinalizar a transformação. Na Itália, era o carvalho acima de um pequeno símbolo comunista.

Em 1991, no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, houve o evento Em Defesa do Marxismo. Mas os debates pululavam nos auditórios de Câmaras de Vereadores e sindicatos. Em São Paulo, palco desta memória, o Centro do Professorado Paulista, a Câmara, o

sindicato dos condutores, o dos químicos, dos vidreiros, dos coureiros e as próprias sedes de partidos abrigavam discussões por ocasião de efemérides, homenagens, lançamentos de livros etc.

Recordo-me da participação de Edgard Carone, Paula Beiguelman, Jacob Gorender, Florestan Fernandes, Paulo Gnecco, José Paulo Netto, Ronald Rocha, Fúlvio Abramo e vários outros.

Os coureiros merecem nota especial. Paulo Skromov atuava lá, mas afastou-se da Tendência Marxista antes da fundação da revista *Práxis*.

## **Núcleo Fundador**

Em 1990, formei um grupo de leitura de Marx na USP que não prosperou. Eu coordenava, antes, o Núcleo do PT do Cangaíba (Zona Leste de São Paulo), que estava em vias de acabar. Permito-me um breve excursão autobiográfica necessário à narrativa da montagem do conselho editorial da revista.

Eu conhecera membros do MR8, PCB e PRC na Campanha das Diretas Já em 1984. Como admirador de Prestes, ingressei no partido que já não era o dele, mas logo me afastei por ocasião da adesão do PCB à candidatura de Antonio Ermírio de Moraes em São Paulo. Apoiei Florestan Fernandes em 1986. Ainda hesitava entre um agrupamento comunista e a geleia geral que me parecia o PT. O PC do B, pelo seu histórico de lutas, estava no meu horizonte quando conheci o Ricardo (Alemão) do movimento estudantil na Faculdade de Economia e Administração da USP. Mas, ao mesmo tempo, era forte a mensagem “ecumênica” marxista de Florestan Fernandes, que nos levava a deixar de lado as querelas trotskistas, stalinistas, gramscianas, lukácsianas, althusserianas etc. Nosso assunto era o Brasil.

Depois de um período de militância de bairro no PT e participação em seus encontros, busquei contato com intelectuais do partido a fim de reerguer aquele supracitado grupo de marxismo da USP e formar uma revista. A primeira pessoa que procurei foi o Florestan Fernandes, que me disse o seguinte: a pessoa que melhor conhece *O Capital* é o Paul Singer. Munido dessa credencial, abordei Paul Singer na quadra dos Bancários, num evento do partido. Nem precisei usá-la, porque ele era muito cordial e aberto a discutir com jovens. Acertamos um futuro debate sobre *O Capital*. Esse debate foi depois publicado no primeiro número da *Práxis* (Singer, mar. 1994: 30-42).

Com Jacob Goronder, o contato foi casual. Estava eu sentado no pátio do prédio de História e Geografia com *O Escravismo Colonial* em mãos. Eis que Gorender sentou-se à minha frente e uma colega, chamada Claudia praticamente me forçou a levantar-me e pedir um autógrafo. Claro que eu a agradei depois. Envergonhado, entabulei meu primeiro diálogo com ele. Embora seu livro fosse muito citado nos debates acadêmicos, era ao mesmo tempo marginalizado. Alguns respeitavam sua militância, mas não sua obra. Claro que Alfredo Bosi era uma exceção.

Certa vez, levando um professor muito importante do Departamento de Sociologia da USP à casa de Fúlvio Abramo, pedi-lhe indicações sobre *O Capital* e citei Gorender. Lembre-se que Gorender escreveu a introdução de *O Capital* para a Editora Abril, onde ele trabalhava. O douto professor, ex-aluno de Florestan e FHC, disse-me para ler a tradução da Siglo XXI. E, sobre Gorender, devolveu-me com uma pergunta: “Mas ele leu *O Capital*?”

Paralelamente, escrevi ao historiador Nelson Werneck Sodré para se integrar à revista. Apesar da missiva insegura com citações para provar que eu estava lendo Marx, ele foi muito generoso. Mas disse que aguardaria um primeiro número de uma revista para depois se integrar a ela.

Não era possível ter uma revista sem um grupo político e de discussão teórica. A segunda parte foi fácil: constituí um grupo de colegas do curso de História da USP e outros da militância da esquerda petista: Luis Franco, Paulo Iumatti, Rafael Marquese, André Pasador, Valcir Cruz, Walcir Bruno, Carlos Santiago e outros que a memória não alcança.

Depois de lermos o volume I, o grupo se desfez. Mas nada nos desanimava. Eu estudava com José Rodrigues Mao Junior, vocalista da banda punk Garotos Podres, que insistiu muito para que eu conhecesse Ciro Seiji e Carlos Félix (Punk) na Fatec. Eles estudavam o Trabalho e nós o Capital. Eles tinham um passado trotskista e de militância na UNE e nós no movimento de bairro e no interior do partido. Podíamos nos juntar e assim se fez. Eu, Walcir Bruno (que logo se tornaria sindicalista bancário) e Carlos Santiago fomos ao encontro do grupo da Fatec numa reunião na rua General Jardim, na Escola Livre de Sociologia e Política (ESP). Havia outras pessoas que não retornaram depois, como a Peninha, do movimento estudantil; acho que também o Kennedy, que estudava na ESP e era da Tendência Marxista. Ali começou o Núcleo de Estudos de *O Capital*. Mais tarde, ingressaram Agnaldo dos Santos, Flavio Perez, Ligia Yamasato, Marisa Yamashiro, Francisco Souza,

Heitor Sandalo, Aninha Reboledo Sanches, Beth Seno, Eliana Queiroz, Sérgio Domingues e outros que passaram algum tempo conosco.

A leitura foi adiante por algum tempo, mas foi logo suplantada pela militância partidária. O Núcleo já surgiu no interior do PT. Eu e Luis Fernando Franco, depois, continuamos *O Capital* até o fim, e cada um no grupo encaminhou individualmente outras leituras.

## Fundação

Eu já havia montado o grupo organizador e feito contatos com os intelectuais. Mas a revista era um empreendimento que exigia muito mais. A comunicação não era fácil nos anos 1990. Eu, Carlos e Walcir, remanescentes do núcleo do PT, sequer tínhamos telefone em casa. As linhas telefônicas tinham que ser compradas da Telesp ou alugadas de um particular. E a expansão das linhas demorava décadas na periferia. Ter linha telefônica era distinção social. Só nos restavam as fichas dos orelhões ou as cartas. Eu usava muito a carta social, praticamente de graça.

O Movimento por uma Tendência Marxista do PT (MTM), com o qual tinha contato por intermediação de Artur Scavone, possuía uma estrutura em vários estados e buscava formar uma revista teórica mais ampla que a tendência. Eu havia conhecido Scavone durante a campanha de Maurício Faria à vereança paulistana, em 1988. Artur era um dirigente municipal do PT *sui generis*. Suas intervenções eram brilhantes. Ele foi o candidato apoiado por Florestan a vereador em 1992. Seu documento *Cidadania, Democracia e Revolução*, para o qual ajudei a apanhar assinaturas na universidade, era uma peça de propaganda de muita densidade teórica. Acredito que não era mesmo para ganharmos a eleição. Mas permaneceu o laço de solidariedade política.

Artur Scavone e Ronald Rocha eram lideranças do MTM e de alto nível teórico. O debate marxista fora da universidade existia e era superior às querelas bizantinas das aulas a que eu assistia. Aliás, predominava já o antimarxismo acadêmico, sempre sob capa progressista.

Embora os ataques acadêmicos não fossem ignorados, o que movia muitas de nossas referências teóricas na Esquerda era o partido. Para se tomar um exemplo, na primeira metade dos anos 1990, Edgard Carone, Antonio Roberto Bertelli e Ronald Rocha publicaram livros sobre a época

da Segunda Internacional. A tradução do livro de Adam Przeworski havia renovado aquele debate. Uma vez, numa reunião da revista *Práxis*, no escritório político de Luiz Eduardo Greenhalgh, Sergio Lessa fez alguma ponderação sobre o livro ao ver um exemplar em minhas mãos. Gorender interveio e disse que, embora tivesse ressalvas ao marxismo analítico, considerava *Capitalismo e Social-Democracia* (1989) uma obra muito importante.

Gorender estava sempre se atualizando. Ele havia testemunhado a tentativa de golpe na URSS, em 1991. Viajara para lá com apoio de Florestan Fernandes e voltou com um pequeno livro sobre o assunto. Mais tarde, escreveu sobre Kurz e acerca da nova classe trabalhadora que poderia liderar uma mudança revolucionária.

O motivo para sólidos intelectuais comunistas como Ronald Rocha, Jacob Gorender e Edgard Carone discutirem a Segunda Internacional naquele momento era óbvio: o PT se tornava um partido da ordem como a social democracia do início do século XX. A obra de Robert Kurz, o neoliberalismo e as questões do mundo do trabalho também eram nossos temas.

No primeiro semestre de 1994, eu e Luis Franco fomos a Belo Horizonte participar da assembleia de fundação da revista *Práxis*. A organização não era perfeita, pois, ao chegarmos à noite em BH, naquele mundo sem GPS, vagamos pelos desvãos do entorno da rodoviária e pelos baixos dos viadutos até chegarmos ao apartamento do companheiro indicado. Ele e sua família evidentemente não estavam nos esperando, posto que não havia sido avisado. Mas, depois de algum estranhamento e de um telefonema à organização, foram gentis e permitiram que dormíssemos lá. No dia seguinte, fomos levados à casa do companheiro Ronald e dali para um convento.

Estavam no convento várias pessoas de outros estados. Tivemos um fim de semana de debates em torno da carta de fundação. Um althusseriano abandonou o recinto em protesto contra algum termo da carta do qual não me lembro. Mas éramos plurais. Leitores de Lukács, Gramsci e até Bordiga (nosso companheiro em São Paulo, José Martins) colaboraram na revista.

A editoria dividiu-se entre São Paulo e Minas Gerais: o advogado Luis Fernando Franco; o professor de ensino médio Lincoln Secco; o filósofo Sergio Lessa (posteriormente professor da Ufal), sempre muito simpático e teoricamente rigoroso. Havia, ainda, o tecnólogo Valcir Cruz, paraense radicado em São Paulo. Os demais eram de Minas Gerais: o artista visual Guido Rocha; o sociólogo

Carlos Magno e Isis Magalhães. Mas, certamente, Ronald Rocha era a maior referência teórica da revista. Membro da Direção Nacional do PT, ex-membro do comitê central do PC do B e do PRC, ele havia travado uma polêmica com Alain Badiou no Brasil. Um intelectual orgânico, um estudioso da história do socialismo, um leitor de Marx, Lukács, Gramsci e outros mais; um socialista austero e organizador cuja autoridade numa reunião era acatada com naturalidade por todos.

No primeiro número, publicamos o resultado de um debate que eu havia promovido em outubro de 1993 entre Gorender e Singer sobre *O Capital* (Gorender, mar. 1994: 17-29; Singer, mar. 1994: 30-42).

Havia certa reserva à participação de Paul Singer na revista porque, embora ele fosse um grande conhecedor de Marx, suas posições políticas eram reformistas. Quando fui seu aluno, citei Bernstein numa aula e ele disse preferir Rosa Luxemburgo. No entanto, sua prática estava muito mais próxima de Bernstein. Dessa forma, no conselho consultivo provisório ele não entrou. Foram Florestan Fernandes, Jacob Gorender e Ricardo Antunes (então professor da Unicamp). Luis Franco foi depois à casa de Antonio Candido e o filiou à revista.

O primeiro número foi impresso em São Paulo de maneira muito precária, sob a supervisão de Luis Fernando Franco. Os números seguintes tiveram aspecto gráfico melhor. No primeiro, nem fizemos revisão. Eu não tinha experiência, salvo nos boletins de núcleos de base. O boletim do Núcleo de Estudos de *O Capital* do PT era feito por mim e por Ciro Seiji.

Para se ter uma ideia, quando organizamos o livro *Um Olhar que Persiste*, com textos de Florestan, Gorender e outros importantes pensadores da esquerda (Santiago e Secco (orgs.), 1997), estávamos em cima da hora para corrigir a obra. Argumentei com Carlos Santiago que o termo correto do artigo do físico comunista Alberto L. da Rocha Barros era “causalidade”. Mas ele teimou que era “casualidade”. Como ele estudava Física, deixei ao largo meu tradicional autoritarismo nos grupos em que participava. E eis que, depois de impresso o livro, Rocha Barros, sempre bonachão em seu terno claro e sem gravata, reclamou do erro...

Em minha obra *A Batalha dos Livros* (Secco, 2017), cito os encontros de revistas marxistas dos anos 1990. A *Práxis* esteve presente no I Encontro em Santa Maria (RS), em 1995. Em junho de 1996, houve o II Encontro em Montevideu, onde eu, Marianne Reisewitz, Ronald Rocha e o físico

Néliton de Azevedo representamos a *Práxis*. Em 1997, no III Encontro em Florianópolis, a revista foi representada por Ciro Seiji.

Publicamos, ao todo, dez números impressos, mas deixo a algum futuro pesquisador das revistas marxistas brasileiras a descrição do conteúdo. Doei minha coleção completa à Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH – USP. Não me lembro da tiragem, mas acredito que um dos números teve dois mil exemplares. Nós mandávamos para os estados e os membros da revista vendiam. A maioria recebia dez exemplares.

## **Fim e Recomeço**

Por que acabou? As razões são sempre políticas e não financeiras. Os aspectos organizativos expressam uma dada política.

Alguns membros da revista se encaminhavam para uma nova organização comunista fora do PT e outros permaneceram. O Núcleo de Estudos de *O Capital*, do qual eu fazia parte, fez uma inclinação ao centro do partido e abandonou o estudo coletivo da obra de Marx. Tínhamos a avaliação de que a Esquerda partidária não tinha mais força e unidade para disputar o partido e nisso acertamos.

Nosso objetivo primordial era derrotar o governo FHC e postergar a disputa interna para depois de uma vitória eleitoral de Lula. O movimento de massas levaria o partido à esquerda e a luta se daria num novo patamar. Eu, que preferia uma revolução contra a ordem, nunca deixei de acreditar que a revolução dentro da ordem já era um avanço imenso num país como o Brasil. Cito aqui os termos que Florestan gostava de usar.

Um lado isolou-se no abrigo das pequenas organizações com escassa incidência prática na militância e mesmo na disputa de ideias, apesar da qualidade das análises. Outro se diluiu no partido de massas com pouca incidência em seu interior, mas manteve-se ativo através de debates e de uma revista.

A resultante dos vetores políticos não foi a que esperávamos. A linha de tendência foi no sentido do liberalismo progressista em direitos e regressivo na economia. Mas não é meu objetivo avaliar o que veio depois.

Nos anos 1990, havia revistas marxistas de acadêmicos<sup>3</sup> ou de partidos que cumprem seu papel até hoje, embora poucas sejam impressas. Já a *Práxis* foi a experiência de um marxismo militante mantida por cotização de trabalhadores livremente associados. Independentemente das eventuais divergências entre os artigos, buscava respostas a uma crise teórica e programática, um marxismo que não fosse ossificado, mas crítico.

## Referências Bibliográficas

- GORENDER, Jacob. A Atualidade de *O Capital* de Karl Marx. *Praxis*, n. 1, Belo Horizonte, Projeto Joaquim Oliveira (ProJetO), mar. 1994, p. 17-29.
- \_\_\_\_\_. *O Escravismo Colonial*. São Paulo: Ática; 1. ed., 1978; 5. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1988.
- KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização: Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial*. Trad. Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Apres. Jacob Gorenader. Coord. e rev. Paul Singer. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Economistas).
- PRZEWORSKI, Adam. *Capitalismo e Social-Democracia*. trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTIAGO, Carlos e SECCO, Lincoln (orgs.). *Um Olhar que Persiste: Ensaio Crítico sobre o Capitalismo e o Socialismo*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1997.
- SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros: Formação da Esquerda no Brasil*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2017.
- SINGER, Paul. Marx x Mercado. *Praxis*, n. 1, Belo Horizonte, Projeto Joaquim Oliveira (ProJetO), mar. 1994, p. 30-42.

---

<sup>3</sup> Surgiu na época até uma revista de acadêmicos que se reuniam numa pizzaria. Era o grupo da pizza.